JOSÉ EDUARDO REIS[1]

A POÉTICA FILOSÓFICA DO ENSAÍSMO DE EDUARDO LOURENÇO

The philosophical poetics of Eduardo Lourenço's essays

Abstract

«Only the poetic word liberates the world» (2016: III, 74), states Eduardo Lourenço in *Time and Poetry*, one of his most famous essays, dated 1959, among the many he wrote about poetry and Portuguese poets. Eduardo Lourenço's examination both of Fernando Pessoa's destabilising poetic thought – e.g. *Pessoa Revisited* (1973) – and lay existentialist authors – e.g. *Situation of Existentialism (*1954) *Camus's Tragic Dialecics* (1967), *Sören Kierkegaard, God's Spy* (1967) – led him towards a predominantly essayistic writing strategy, towards a place of pure interpellation developed from an early age to respond to «calamitous times, like those of Montaigne, precisely in which two orders of opposing and equally impersonal certainties demanded the sacrifice of intellect and will».

In today's times, when marks of many tragedies persist and expand, to revisit Eduardo Lourenço's poetic hermeneutics is not only intellectually urgent, it is an experience of «beauty and consolation» to resort to the renowned title of a series of television interviews with notable thinkers from the second part of the twentieth century.

In our essay, we will highlight passages from Eduardo Lourenço'extensive political and

[1] Instituto Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML). Faculdade Letras do Porto (FLUP).

DOI: https://doi.org/10.21747/21836892/fil41a12

aesthetic reflections on his redemptive and liberatingg idea of poetry written in the Portuguese language.
Key Words: Eduardo Lourenço. Essayism. Philosophy. Poetry.

Resumo
«Só a palavra poética é libertação do mundo» (2016: III,74) escreve Eduardo Lourenço em *Tempo e Poesia*, um dos seus ensaios mais icónicos, datado de 1959, entre os muitos que compôs sobre poesia e poetas portugueses – e que foram reunidos no espesso terceiro volume das suas obras completas. A perscrutação que Eduardo Lourenço empreende do pensamento poético desestabilizador de Pessoa – e.g. *Pessoa Revisitado* (1973) – e de autores laicos existencialistas – e.g. *Situação do Existencialismo* (1954) e *A Dialéctica Trágica de Camus* (1967) – e, sobretudo, da radicalidade filosófica do pensamento cristão de Kierkegaard – *Sören Kierkegaard, Espião de Deus* (1967) – encaminharam-no para uma estratégia de escrita predominantemente ensaística, para esse «lugar de interpelação pura sem resposta à vista» (I, 380), para esse recurso «em letra de forma», que ele desde cedo cultivou para responder e acudir a «tempos calamitosos, como os de Montaigne, precisamente em que duas ordens de certezas opostas e igualmente impessoais exigiam o sacrifício do intelecto e da vontade». Nestes nossos tempos em que persistem e se avolumam marcas de vária calamidade, regressar à hermenêutica poética de Eduardo Lourenço é, mais que uma tarefa intelectualmente urgente, uma experiência de «beleza e consolação» – para resgatarmos o título prestigioso de uma série de entrevistas televisivas a intelectuais que se destacaram na segunda metade do século XX. Na vasta reflexão de Eduardo Lourenço procuraremos realçar na nossa comunicação passagens representativas e decisivas sobre a sua conceção redentora e libertadora do pensar poético em língua portuguesa.
Palavras Chave: Eduardo Lourenço. Ensaísmo. Filosofia. Poesia

Pela razão suficiente de ter sido a década que convergiu para o limiar do segundo milénio da era cristã, os anos noventa do século passado foram pródigos em balanços críticos e análises filosóficas, em retrospetivas documentadas e sínteses explicativas de múltiplos e heterogéneos fenómenos de natureza económico-social, político-ideológica, técnico-científica, religiosa e artística, que relevaram do fluir e conferiram sentido ao tempo histórico. Inscreve-se nessa lógica de inquérito reflexivo à densa e, em muitos aspetos, trágica história do século XX, a série televisiva, concebida e realizada pelo jornalista holandês Wim Kayser, intitulada *Da Beleza e Consolação*, e constituída por 27 entrevistas autónomas a 27 personalidades destacadas e representativas dos mais diferenciados domínios da cultura europeia. Infelizmente nenhuma dessas entrevistas teve como interlocutor Eduardo Lourenço, o que é um indício pesaroso e quiçá injusto da secundarização dos intelectuais não inscritos nos eixos dominantes

da cultura europeia e ocidental, malgrado os relevantes contributos que muitos deles, mediados nas suas línguas vernáculas de pensamento, deram para o enriquecimento dialogante dessa mesma cultura. Razões de vária ordem, em grande medida associadas à posição relativamente marginal da cultura intelectual portuguesa, certamente haverão para que um pensador-ensaísta tão original, complexo e eruditamente profícuo, e a quem não terá sido alheio ao seu arguto e minucioso escrutínio reflexivo nenhuma relevante área do conhecimento das humanidades, artes e da história cultural e política, não tenha ainda obtido a projeção internacional, exterior ao âmbito lusófono, que, sem despeitados arremedos nacionalistas, efetivamente merece. Basta consultar o índice do primeiro volume das suas obras completas em processo de publicação pela editora da Fundação Calouste Gulbenkian, *Heterodoxias*, e os nomes de autores aí enunciados e objeto de tratamento ensaístico autónomo – (sigo a ordenação enunciada dos títulos dos ensaios) Hegel, Descartes, Camus, Kierkegaard, Foucault, St. Agostinho, Montaigne, Platão, Schopenhauer, Unamuno, Nietzsche, e os portugueses Sampaio Bruno, Eduardo Carlos Soveral, Joaquim de Carvalho, José Gil, Fernando Gil – para nos darmos conta da diversidade de referências intelectuais de projeção cosmopolita e de relevância nacional que, a par de muitas outras não destacadas com a mesma singular autonomização, suscitaram a exegese ensaística, distendida por quase sete décadas, de Eduardo Lourenço. São referências que, apoiadas numa leitura atenta ao conteúdo dos rarefeitos e elaborados textos em que se inserem, denotam uma notável capacidade de assimilação e problematização de aspetos fundamentais do pensamento dos autores convocados. E basta também lembrar o título do primeiro ensaio «Europa ou o Diálogo que Falta» do seu primeiro livro publicado em 1949, *Heterodoxia*, para se aferir da relevância que, desde jovem, ele conferiu à problemática relação histórica e política da cultura portuguesa com a europeia. Relação que lhe ocupou muito do seu pensamento, muitas vezes de teor comparatista, não assimptótico, mas intersecionado, buscando, na sua incessante, erudita e reticular disposição hermenêutica, vias originais de explicação sobre «nós e a europa»[2]– de que o discurso poético serviu metafórica e justificadamente de esteio.

É assim que, por exemplo, discorrendo sobre o devir da Europa no meio século que sucedeu ao fim da segunda grande guerra, e ao proceder à caracterização "dramatúrgica" dos principias países – Reino Unido, França, Itália e Alemanha – que maior protagonismo tiveram na reconfiguração do seu dinâmico e acidentado perfil político e cultural em que Portugal inviamente se viria a integrar, Eduardo Lourenço se socorre da pessoana multiplicação de entidades poéticas para fundamentar o seu argumento: «O drama europeu – pois é bem um drama que todos os dias se representa

[2] Como se sabe, esta expressão corresponde ao sintagma do título do seu livro *Nós e a Europa ou as Duas Razões* (1988), que, culminando à época o seu trabalho ensaístico, foi Prémio Europeu de Ensaio Charles Veillon.

– é feito como na heteronomia de Pessoa, do drama de cada um dos atores europeus»[3] . E é também e frequentemente na poesia, concretamente no valor expressivo que o género lírico confere ao sentimento transhistórico da melancolia sob a «palavra-mito» saudade – «esse sentimento intenso de fusão com o mundo, ou melhor, com a natureza, acompanhado de não menos intensa consciência da sua precariedade, alegria na tristeza, tristeza na alegria»[4] – que Eduardo Lourenço vê o reflexo de uma constante cultural portuguesa, tal como ela se espelhou em obras paradigmáticas:

> Da poesia dos cancioneiros medievais até à *Ode Marítima*, essa aura de melancolia que desrealiza o mundo por excesso de amor banha todas as obras onde o sentimento das coisas, tal como os Portugueses o entendem, se exprime com mais perfeita naturalidade: lírica camoniana, devaneio de Bernardim Ribeiro […] soneto de Antero de Quental, poema em verso ou prosa de Pascoaes, de Nobre, de Cesário […][5]

À saudade e à melancolia dedicará o mitólogo da portugalidade uma labiríntica e constante reflexão, também ela subdeterminada pelos contributos do discurso poético, ilustrada, entre outros, nos ensaios «Romantismo, Camões e Saudade» e «Dois Príncipes da Melancolia, Fernando Pessoa e Luís da Baviera». No primeiro, a intenção é demonstrar como a aventura física e espiritual experienciada pela vida e representada na obra magna do épico português, conhecendo metamorfoses de leitura e receção por sucessivas gerações de poetas e intelectuais do século XIX e XX, se manteve como um símbolo adequado às «luzes e sombras do nosso destino»[6], isto é, à dramática interpretação figurativa de um imaginário cultural, na qual a saudade romântica do *Camões* de Garrett adquire um «alcance cósmico» na obra de Teixeira de Pascoaes e uma recriação novitestamentária, digamos assim, literariamente sublimada na *Mensagem* de Fernando Pessoa e intencionalmente superada pela modernidade desencantada de poemas chave do seu heterónimo Álvaro de Campos, «Ode Marítima» e «Tabacaria». Apropriada nacionalisticamente por Garrett e louvada internacionalmente por Chateubriand, Schlegel, Ludwig Tieck, a sensibilidade e mundividência da temática de *Os Lusíadas*, a um tempo heroica e erótica, objetivamente venturosa e subjetivamente crítica e visceral, conheceu no espaço de um século, segundo o ensaísta, as mais contraditórias interpretações e denegações do seu significado simbólico-cultural – como as que promanaram da atitude desmistificadora e lúcida de Antero de Quental e Oliveira Martins, que no

[3] E. Lourenço, *Ver É Ser Visto. Fragmentos Essenciais*, pref. José Tolentino Mendonça, intr., sel. Oliveira Martins, Gradiva, Lisboa 2021, p. 205.

[4] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.161.

[5] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., idem.

[6] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.114.

conteúdo do poema épico viram a medida da decadência histórica e contingencial do seu país. Se Eduardo Lourenço diagnostica aqui as idiossincrasias histórico-culturais com a distância de um observador implicado, se não mesmo fascinado, com as motivações e razões antropológicas e filosóficas que as configuram e determinam, no ensaio seguinte as suas observações sobre o afloramento da melancolia no percurso vital de Luís da Baviera e da sua convocação literária que ocorre num texto poético do *Livro do Desassossego* são elaboradas por exegese comparativa. Nele, mais do que formular uma exponenciada equação de livre pensamento ensaístico ou do que alinhavar um exercício de ontologia comparada entre «a vida e o destino tão distantes de um príncipe de sangue e de um modesto empregado de escritório»[7], o que Eduardo Lourenço tem em vista é suscitar uma interpelação sobre o duplo mistério do tempo e da morte, temas a que dedicou muita da sua reflexão. Aqui a melancolia surge caracterizada não como «essa inexplicável mistura de sofrimento e de doçura a que chamam saudade»[8], mas como uma abissal atração pela ideia apaziguadora da morte como a «Nossa Senhora de todas as consolações»[9] ou, em termos menos pessimisticamente nirvânicos (passe o oxímoro) como «a consciência do tempo, simultaneamente irreal e como substância única da nossa existência»[10].

Tempo e poesia são um binómio constante no pensamento do autor. Não só dão corpo ao título do seu primeiro livro de ensaios sobre o discurso poético e, numa versão muito ampliada, ao volume das suas obras completas relativo a diferentes variações pessoais desse discurso, como se constituem numa díade conceptual inextricável e abertamente irresolúvel em muitas das suas mais ousadas e densas exegeses sobre a obra de poetas, predominantemente portugueses, e sobre a fenomenologia da escrita literária condensada e rarefeita em forma de verso. E como não deixar de reconhecer a evocação e atualização dessa díade – tempo e poesia – senão através da sua manifestação mais elementar, na sua evidência histórica e em todo o presente reproduzível, a do uso funcional, identitário, mas também consciente e estético, de uma língua vernácula? A célebre e quase estereotipada declaração de Pessoa / Bernardo Soares de caracterizar a ideia /sentimento pátrio por identificação assimilada ou subordinada ao valor binário, estrutural e metafísico da língua é ainda uma ocasião para Eduardo Lourenço se reportar à poesia como a mais aproximada revelação tangível ou lugar de inscrição do Ser.

> No fundo, o que Pessoa queria dizer era que unicamente sobre o plano da língua e na língua […] se encontraria essa pátria das origens e original que só a poesia, em última instância, pode falar. A sua frase pode aproximar-se de

[7] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.127.
[8] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.108.
[9] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.109.
[10] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.140.

> Hölderlin, tão glosada por Heidegger, segundo a qual é «poeticamente que habitamos esta terra». Quer dizer que temos uma verdadeira pátria. Mas como não acedemos nunca ao universo – quer na ordem dos fins, quer das causas – senão através do particular, essa *pátria*, essa morada que inventámos habitando poeticamente a Terra, é antes de mais a nossa *língua* [11].

Assim, seja para pensar politicamente a Europa na dramaturgia da sua diversidade, seja para sondar a perene especificidade da cultura portuguesa, seja para relevar a saudade como um dos seus inequívocos traços distintivos, seja para, comparativamente, discorrer sobre o sentimento mais universal da melancolia, seja para se reportar ao mistério da morte inextricavelmente associada à vida, ao sentido tangível da vida, seja ainda pela experiência humana situada no tempo ou pela sua articulação no uso funcional e/ou estético da língua, em todas estas dimensões, da mais prosaica, próxima da vivência em comunidade (política), à mais instrumental e transcendental (no sentido em que o termo se refere a um a priori), que assegura o processo formal de comunicação atribuído a essa vivência (língua), passando por ordens de grandeza de recorte histórico, cultural e ontológico, a poesia, em sentido estrito ou como sinédoque do campo da literatura, é para Eduardo Lourenço, a instância de pensamento o centro de inteligibilidade de onde irradiam as mais subtis e filosóficas apreensões, reflexões e interrogações da, em última análise, evanescente e misteriosa habitação volitiva do mundo.

Para atender a essa tão exigente e inescrutável representação das representações verbais da experiência humana, Eduardo Lourenço cultivou um ensaísmo que não hesitamos em qualificar de poético – no sentido literário do termo, isto é portador de um /elevado índice de consciência criativa do uso estético da língua portuguesa – escorado na sua preparação e talento filosóficos – talento de que dá cabal testemunho na sua dissertação de licenciatura *O Sentido da Dialéctica no Idealismo Absoluto*, reintitulada *O Segredo de Hegel ou o Equívoco da Dialéctica*, incluída em versão pontualmente revista em *Heterodoxia I*.

Com o risco de cometermos um erro de paralaxe ou de constrição interpretativa sobre tão desmedida obra de pensamento denso e múltiplo, entrevemos um bom exemplo desse ensaísmo poético com formulações e implicações filosóficas no seu estudo de matriz comparativa «Kierkegaard e Pessoa ou a Comunicação Indireta». Dividido em duas partes, nele Eduardo Lourenço desenvolve a tese de que os fenómenos da pseudonímia e da heteronímia, respetivamente no filósofo dinamarquês e no poeta português, processados segundo estratégias discretas de multiplicação identitária, têm em comum demonstrarem ser atos intuitivamente pensados de aproximação discursiva a uma verdade substantiva, reconstituinte de uma unidade ôntica estilhaçada, somente possível de ser assegurada de forma mediada, indireta por

[11] Lourenço, *Ver É Ser Visto*, op. cit., p.187.

recurso à invenção de máscaras e pseudo identidades literárias. Na primeira parte, o argumento que aí se apresenta, como condição necessária a suportar a ulterior tese central sobre o valor de verdade superior contido na comunicação indireta, visa dilucidar a «confusão comum entre sinceridade e autenticidade»[12]. Relevando a pertinência estrutural do segundo termo (autenticidade) em relação ao caráter contingencial do primeiro (sinceridade) para avaliar da qualidade e coerência de uma obra literária, e, por inferência, da axiologia do seu autor, Eduardo Lourenço procede a uma sistemática análise de escopo e rigor filosóficos que, sem abandonar a poeticidade da sua exposição e apoiada em exemplos literários, é formulada em juízos quase aforísticos como este: «A sinceridade é um acordo entre a consciência e a sua expressão no círculo do instante. A autenticidade supõe a prova do tempo e uma matéria adequada à duração»[13]. O ensaio é demasiado complexo para o dissecarmos na sua intrincada teia de argumentos, mas o que é de veras surpreendente é como, após se realçar nele as virtudes comunicativas do nexo ontológico com implicações estéticas entre autenticidade e comunicação indireta, deparamos com uma súbita inversão dialética do seu encadeamento enunciada poeticamente. Inversão dialética porque, num movimento de síntese, Eduardo Lourenço institui o valor de verdade maior contido na ideia da mais elevada autenticidade, assimilando-lhe a sinceridade da comunicação direta adstrita à condição mítica pré babélica, i.e., à «apropriação mágica do mundo»[14] – apropriação para a qual a comunicação simbólica indireta se oferece apenas como "via", "caminho" «estreita porta»[15]. Mas inversão dialética também enunciada poeticamente, porque é esse tipo de vibração discursiva que Eduardo Lourenço adota para se referir à dita apropriação mágica do mundo – e que ele vê representada literariamente sob o signo da nostalgia em a *Ode ao Rouxinol* de Keats ou na *Ceifeira* de Fernando Pessoa.

> O reino da linguagem verdadeira, sem máscaras já, será semelhante ao da chama extática, brilhando no meio da casa, no coração do silêncio. Silêncio da terra anterior ao homem, silêncio de floresta, das profundidades do mar e do céu, silêncio aquém do homem e silêncio da floresta, das profundidades do mar e do céu, silêncio aquém do homem e silêncio da alma semelhante ao da montanha e da sua opaca noite, silêncio do espírito e do homem inteiro vencedor da preocupação e da agitação do mundo tais são algumas das formas de comunicação indireta transcendida. Dela excetuamos a morte, silêncio fora do silêncio.[16]

[12] E. Lourenço, *Obras Completas XI. Pessoa Revisitado. Crítica Pessoana I (1949-1982)*, coord., intr. e notas de Pedro Sepúlveda, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2020, p. 121.

[13] Lourenço, *Obras Completas XI*, op. cit., p.123.

[14] Lourenço, *Obras Completas XI*, op. cit., p.135.

[15] Lourenço, *Obras Completas XI*, op. cit., idem.

[16] Lourenço, *Obras Completas XI*, op. cit., idem.

Atendendo a que estamos diante de um pensamento ensaístico que, sem abdicar da livre coerência argumentativa dos temas objeto do seu escrutínio reflexivo, evolui num quadro de referências filosóficas da tradição intelectual do ocidente, porém atento às questões, acontecimentos, realizações históricas, intelectuais e artísticas do tempo em que se se situam, não surpreende que as suas considerações sobre poesia comportem marcas contingenciais do tempo em que foram produzidas. Assim é que em «O Irrealismo Poético ou a Poesia como Mito», texto datado de 1957, e a propósito da sua aparentemente paradoxal apreciação do irrealismo da poesia neorrealista, Eduardo Lourenço procede à destituição, quer da ideia de poesia como um sucedâneo laico da expressão sentimental religiosa, domínio do inefável ou de veneração idolátrica, quer, por extensão, do poeta como um «anjo de luz ou de extermínio»[17]. É de notar que a sua conceção esfíngica da poesia, do inominado ou do sentido de uma ausência substanciante, em última instância de um nada metafísico afim das conceções niilistas de matriz nietzschiana associadas à morte de Deus – e que ele, aliás, vê modelarmente refletida, com variações abruptas, de tom e dicção, na heteronomia pessoana, tal como a leu, nomeadamente, em *Pessoa Revisitado* (1973) – não queira significar ou induzir a uma significação mitificada da representação poética da existência humana diante do enigma desconcertante do mundo.

O irrealismo poético a que a Eduardo Lourenço se refere é o da pura idealização, por um lado, destituída de qualquer nexo com a realidade construída pela ação humana, mais do domínio da especulação nefelibata do que da distensão das possibilidades reais ou imaginadas como reais, por outro, assente numa sitiada, autotélica finalidade da escrita em si. Exonerada neste ensaio a qualidade irrealista da poesia, seja por excesso de mitificação da sua natureza etérea, seja pela sua pseudo qualidade mimética, seja ainda pela sua autorreferencialidade, não se conclua que Eduardo Lourenço sustenta a tese que a poesia é um modo direto de espelhar / comunicar verbalmente o mundo dado. A sua qualidade semiótica é, antes, de âmbito paradoxal porque, na sua insustentabilidade ontológica, a poesia ao dizer humanamente o mundo sem o dizer etérea ou mimeticamente como se ele fosse devolvido pela palavra transparente do verso especular, não deixa de revelar a esse mundo algum vislumbre essencial na opacidade da sua comunicação indireta. Compreende-se como esta reflexão se pode relacionar com o texto que acima convocámos e em que Eduardo Lourenço discute a questão da autenticidade e da comunicação indireta do discurso poético. De modo igualmente poético é assim que, neste seu ensaio, ele carateriza a poesia:

> Ela é ao mesmo tempo, o lar do homem e o paraíso artificial. Ela é a ocasião de ascensão e queda, medida da nossa realidade e promoção da nossa realidade. O mundo torna-se vago e inexistente quando a asa da poesia nos

[17] E Lourenço, *Obras Completas III, Tempo e Poesia*, coord. intr. de Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, p.89.

> bate no rosto, mas esta levitação é, ao mesmo tempo, a experiência do poder e do peso deste mundo. É deles que ela nos liberta sem nos libertar e nesta sua realidade intercessora reside todo o seu ser. Isto quer dizer, que a Poesia não tem ser, como não o tem o homem que através dela se dá sensivelmente conta da sua existência como invenção (e conjuntamente morte) permanente de existência[18].

Parece-nos que a reflexão persistente que a poesia suscitou a Eduardo Lourenço pode ser grosso mundo analisada segundo dois discerníveis eixos, não propriamente excludentes, mas imbrincados: o teórico-poético e o histórico-crítico, tal como podem ser inferidos pela consulta de vários títulos das suas *Obras Completas* (O.C) e, em concreto, no volume III, *Tempo e Poesia*, volume que, no dizer do seu coordenador Carlos Mendes de Sousa, constitui «a mais importante obra sobre poesia alguma vez editada em Portugal»[19]. Ilustrando este juízo, o segundo dos eixos mencionados congrega um conjunto amplo de leituras lourencianas singulares ou comparadas dos nomes maiores da literatura portuguesa, em particular Camões (vol. VI das O.C), Antero de Quental (vol. VII das O.C) e Fernando Pessoa (vols. IX e XI das O.C), bem como de movimentos literários (Orfeu, Presença, Novo Cancioneiro) e, em número variável de textos, de autores relevantes do século XIX, Cesário Verde, António Nobre, e do século XX, Teixeira de Pascoaes, Sá Carneiro, Almada Negreiros, José Régio, Miguel Torga, Casais Monteiro, João José Cochofel, Joaquim Namorado, Carlos de Oliveira (integrados estes três no vol. II da O.C), Vitorino Nemésio, José Gomes Ferreira, Mário Dionísio, Jorge de Sena (vol. X das O.C) , Sophia Melo Breyner, Eugénio de Andrade, António Ramos Rosa, Raul de Carvalho, Alberto de Lacerda, Albano Martins, David Mourão Ferreira, Sallete Tavares, Nuno de Sampaio, Helder Macedo, Maria Teresa Horta, Herberto Helder, Ruy Belo, António Osório, José Augusto Seabra, Fiama Hasse de Pais Brandão, Vasco Graça Moura, António Pina, Al Berto, Ana Luísa Amaral. Não são raras as considerações que Eduardo Lourenço faz sobre a fenomenologia da escrita poética em muitas destas suas leituras sobre poetas portugueses, por vezes mesmo associando a génese e a natureza da sua prática ao espírito e ao trabalho do seu criador. É assim que, por exemplo, em «O Desespero Humanista de Miguel Torga e o das Novas Gerações» (1955) se lê: «A poesia não é um tratado de lógica, naturalmente. O poeta não visa exprimir de uma vez a Verdade inteira que lhe é visível, mas as momentâneas verdades da Verdade lenta que a sua experiência total desejaria»[20]; já no ensaio «Antero e a Filosofia ou a Filosofia de Antero» sobre a inscrição do essencial da sua obra na tradição do canto

[18] E Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., 94.

[19] C. Mendes de Sousa, «Eduardo Lourenço, habitante da aventura poética, in Carlos Mendes de Sousa (coord.) *Eduardo Lourenço. Obras Completas III, Tempo e Poesia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, p.9.

[20] E Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit.,106.

órfico, deparamos com esta caracterização do traço rítmico do discurso poético como uma das suas singulares propriedades semióticas, desvinculadas, porque anterior mesmo, a uma intenção enunciadora governada por uma rigorosa axiomática de juízos logicamente encadeados: «Bem sabemos que a poesia está do lado da dança, não da marcha que antecipa o seu fim. [...] [O] seu [de Antero] verbo enraíza naquela fonte enigmática anterior ao Logos e que o Logos se propõe elucidar sem fim»[21].

Já o primeiro dos eixos, o teórico, integra as reflexões mais intencionalmente dirigidas para o pensamento da poesia como uma modalidade de conhecimento literário do mundo imaginária e auto conscientemente postulado pelo uso da palavra segundo os protocolos estéticos dos seus criadores situados no tempo. Mas esse pensamento não visa uma definição ou abordagem sistemática ou conceptual do objeto em causa. Se seguirmos a leitura dos textos de Eduardo Lourenço fixados editorialmente por Carlos Mendes de Sousa sob a rubrica «Da Poesia», verificamos que ela surge pensada polimorficamente em função do desenvolvimento do tópico dos ensaios em que a sua caracterização ocorre. Para dar alguns exemplos: enquanto «lugares de fulgurâncias», as «máquinas poéticas» (230) são apresentadas como emanações de um «lugar incircunscrito», espécie de atos litúrgicos da consciência cultural da linguagem e de renovação atualizada do seu potencial estético (cf. «Como Falar de Poesia»). Mas como veículo da imaginação, a poesia é «sonho acordado na sua finitude sem fim» («Orfeu e Abraão ou a Poesia, a Lucidez e a Fé»). Ela é também lugar de resistência à violência e ao mal («Da Poesia»), e, quando adjetivada, serve de designação à evasão essencial do meramente utilitário («Capitalismo e Realidade Poética»), como um domínio do possível desvelado por seres de exceção («Situação Existencial do Poeta»), mas também como vetor crítico, desafiador, perturbante («Do poeta como crítico»), uma vez que «a realidade do poema consiste precisamente em ser palavra que fratura, desloca, silencia a nossa própria palavra interior enquanto presença morta de nós a nós mesmos»[22].

Mas se há tópico no ensaísmo poético de Eduardo Lourenço que merece ser detalhadamente analisado é, como dissemos acima, o que ele dedica à inconsútil relação entre duas ordens ou instâncias ontológicas da experiência sensível e da sua especiosa representação, tão aparentemente assimptóticas, como são o tempo e poesia – os termos que servem originalmente de título ao seu breve, mas iluminante ensaio, de caráter inaugural, publicado em 1959. Tal reflexão parece condensar uma espécie de metafísica pessoal assente num empreendimento intelectual em que toda a sua consciência experiencial e inteligível do sentido possível da vida, todo o seu saber teórico e toda a sua intuição criativa se combinam para sondar os recessos mais densos

[21] E. Lourenço, *Obras Completas VII. Antero Portugal Como Tragédia*, coord., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2019, p.121.

[22] E Lourenço, *Obras Completas III, Tempo e Poesia*, coord. intr. de Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016, p.264.

e simultaneamente mais imediatos da condição humana de ser. São constituintes dessa metafísica pessoal, a figura da «Saudade», não como «mera complacência pelo nosso passado»[23] , mas como «a sensível existência humana, a si mesma inacessível e próxima»[24], e a figura do paradoxo enquanto simultânea superação dos limites do uso discursivo da razão suficiente e de aproximação, sempre inalcançável como a fecha de Zenão, à evidência mais percetível do cerne da realidade do Ser. O que parece então reunir tempo e poesia, a sua comum e discernível afinidade é o paradoxo do que constitui a essência do tempo não ser tempo, o «Instante», que se define pela aporia «de nunca ter princípio e não poder ter fim»[25] e cuja inapreensibilidade tem como correlato a palavra criativa poética. Palavra que condensa o máximo de apreensão desse instante e que na sua «vertigem» e «claridade», não só dá algum repouso na «nossa existência sem repouso»[26], como permite o único vislumbre do mistério do Ser. Parece assim possível concluir que é nesse fulgurante instante que se autentica a verdade possível contida no ato poético, ou melhor dizendo, na palavra performativa poética.

Não sei se numa hipotética e imaginada conversa com Wim Kayser, Eduardo Lourenço não lhe teria sugerido uma segunda série de entrevistas com um título complementar da série *Beleza e Consolação*, mais em linha com um acentuado tom do seu plural ensaísmo, título esse que poderia ser, sobretudo pelo determinante e congenial fascínio que sobre o seu ser afetivo e pensante exerceu a obra poética de Fernando Pessoa, algo como «Sublime e Reconhecimento». «Sublime», no sentido em que o conceito foi originalmente pensado por Edmund Burke, e que, por nele estar implícito um excesso de atração temerosa pelo indómito e inominado da experiência sensível ou imaginada do mundo, lhe confere uma maior extensão para caracterizar o que há de esfíngico na representação poética do mundo «Reconhecimento», no sentido convergente com o conceito trágico de *anagnorisis* enquanto momento de revelação da inescapável verdade ou descoberta da qualidade dolorosa e desencantada do halo inocente ou esperançoso da experiência temporária, evanescente e originariamente misteriosa da vida.

Se bem que o conhecimento da filosofia ocidental tenha criativamente amparado o ensaísmo de Eduardo Lourenço, é o convívio crítico e dialogante com a poesia lírica que lhe fornecerá o tom dominante do seu pensamento, avesso a elaborações teóricas monistas ou de pendor totalizante e insuscetíveis de acolherem e vivenciarem o sentido paradoxal da existência. É, pois, no discurso poético que Eduardo Lourenço encontra a mais distendia e profunda, porque paradoxalmente opaca e luminosa, representação possível desse paradoxo inexaurível do mistério

[23] Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., p.74.
[24] Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., idem.
[25] Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., p.71.
[26] Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., p.76.

evanescente e obscuramente vivido no instante de cada momento presente, e que de modo sagazmente declarativo e interrogativo ele assim formula: «É da luz que a palavra poética concentra misteriosamente que a nossa existência recebe o máximo de claridade. Essa luz, porém, é impenetrável. Com que lâmpada exploramos o coração do sol?»[27]

Referências bibliográficas

Lourenço, Eduardo, *Obras Completas I. Heterodoxias*, coord., intr. e notas de João Tiago Pedroso de Lima, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2012.

— *Obras Completas II, Sentido e Forma da Poesia Neo-Realista e Outros Ensaios*, coord. intr. de António Pedro Pita, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2014.

— *Obras Completas III, Tempo e Poesia*, coord. intr. de Carlos Mendes de Sousa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016.

— *Obras Completas VII. Antero Portugal Como Tragédia*, coord., intr. e notas de Ana Maria Almeida Martins, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2019.

— *Obras Completas XI. Pessoa Revisistado. Crítica Pessoana I (1949-1982)*, coord., intr. e notas de Pedro Sepúlveda, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2020.

— *Ver É Ser Visto. Fragmentos Essenciais*, pref. José Tolentino Mendonça, intr., sel. Oliveira Martins, Lisboa, Gradiva, Lisboa 2021.

Sousa, Carlos Mendes, «Eduardo Lourenço, habitante da aventura poética», in coord., introd. Carlos Mendes de Sousa, *Eduardo Lourenço. Obras Completas III, Tempo e Poesia*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa 2016.

[27] Lourenço, *Obras Completas III*, op. cit., idem.